

# A MAGIA DE LER E ESCREVER NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*THE MAGIC OF READING AND WRITING IN THE 1ST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL*

**Graciane Copetti Fracaro**

Secretaria Municipal de Educação, Ijuí, RS, Brasil

**Resumo:** O personagem principal do 1º ano do Ensino Fundamental é a criança, que, neste momento, está fazendo uma passagem para o “encantado” mundo das letras. Tudo gira em torno da aquisição da leitura e da escrita que é o marco fundamental do processo de desenvolvimento cognitivo escolar. Essa etapa é particularmente desafiadora, pois envolve múltiplos fatores que integram e impactam a aprendizagem. Por este motivo, faz-se necessário um trabalho sério e comprometido por parte dos educadores bem como uma pedagogia lúdica que já na acolhida das crianças provoque o protagonismo e o desejo de aprender. A entrada no Ensino Fundamental e as relações que ocorrem na escola são mais complexas e mais difíceis de serem compreendidas pela criança, pois para conviver no grande grupo precisa aprender a dividir o espaço e a atenção, compartilhar e lidar com as diferentes situações, principalmente posicionamentos distintos do seu. Neste sentido, um trabalho de socialização com o grupo, estabelecendo regras e combinados têm um significado muito especial, pois reforça a identidade de cada sujeito, oportuniza momentos de fala e expressão dos sentimentos. A escolha de métodos adequados, o respeito às fases de desenvolvimento e o apoio da família, são importantes para promover a aprendizagem da leitura e da escrita bem como a socialização no 1º ano do Ensino Fundamental. Sendo assim, este estudo investiga: Como os métodos de ensino contribuem para o sucesso da alfabetização no primeiro ano do Ensino Fundamental? Este artigo tem como objetivo refletir sobre a aquisição da leitura e escrita no primeiro ano, destacando a importância dos métodos de ensino; instigar a família a envolver-se com este processo; e destacar a importância das fases de desenvolvimento no processo de leitura.

**Palavras-chave:** métodos de alfabetização; desenvolvimento infantil; família.



**Abstract:** The main character of the 1st year of Elementary School is the child, who, at this moment, is making a transition to the “enchanted” world of letters. Everything revolves around the acquisition of reading and writing, which is the fundamental milestone of the process of cognitive development at school. This stage is particularly challenging, as it involves multiple factors that integrate and impact learning. For this reason, serious and committed work is required on the part of educators, as well as a playful pedagogy that, from the moment children are welcomed, provokes their protagonism and desire to learn. The entry into Elementary School and the relationships that occur at school are more complex and more difficult for children to understand, because in order to live in a large group, they need to learn to share space and attention, share and deal with different situations, especially positions that are different from their own. In this sense, socialization work with the group, establishing rules and agreements, has a very special meaning, as it reinforces the identity of each subject, provides opportunities for speech and expression of feelings. Choosing appropriate methods, respecting developmental stages and family support are important to promote learning to read and write, as well as socialization in the first year of elementary school. Therefore, this study investigates: How do teaching methods contribute to the success of literacy in the first year of elementary school? This article aims to reflect on the acquisition of reading and writing in the first year, highlighting the importance of teaching methods; encouraging the family to get involved in this process; and highlighting the importance of developmental stages in the reading process.

**Keywords:** literacy methods; child development; family.

## Introdução

Estudos sobre o desenvolvimento humano debatem incessantemente para saber quais características são mais relevantes para a aprendizagem da leitura e da escrita no 1º ano, fase em que as crianças estão completando seis anos de idade. Muitos autores debruçaram-se em pesquisas durante anos para compreender estas questões, chegando a algumas conclusões: Segundo Baltes (1987), pioneiro nos estudos da psicologia,

Os quatro princípios fundamentais do estudo do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital:

1 O desenvolvimento é vitalício, mas nenhum período é mais

ou menos importante que o outro, pois o período presente é influenciado pelo que veio antes e afeta o que virá depois.

2 O desenvolvimento humano depende da história e do contexto, cada indivíduo se desenvolve sob determinadas condições de tempo e lugar, influencia seu contexto histórico e social e é influenciado por eles.

3 O desenvolvimento é multidimensional e multidirecional. Durante todo o ciclo vital, o desenvolvimento envolve o equilíbrio entre crescimento e declínio. Ele não é estável nem linear. Cada indivíduo busca promover ganhos e diminuir perdas, aprendendo a administrá-las ou compensá-las.

4 O desenvolvimento é plástico e flexível. A plasticidade representa a capacidade de modificar o desempenho. Entretanto, o potencial para mudar tem limites, pois nem mesmo as crianças têm um desenvolvimento totalmente flexível (*apud* Freitas; Pinto; Ferronato, 2016, p. 107-108).

Todo professor busca o pleno desenvolvimento de seus alunos, principalmente quando se trata do processo de ler e escrever, pois está ciente de que para avançar na aprendizagem é necessária a aquisição da leitura e da escrita, no entanto o respeito a cada etapa de desenvolvimento é importante.

Para vencer esta etapa tão desafiadora que é a apropriação da decodificação dos códigos da leitura e da escrita, os estímulos do ambiente são fundamentais, como a exploração de literaturas, de imagens de objetos, de pessoas, de animais e de sons, com interações entre as próprias crianças e experiências culturais que contribuem para alavancar a aprendizagem. Por este motivo, as famílias exercem um papel fundamental neste processo, seja estimulando o hábito da leitura, promovendo experiências lúdicas ou suprindo as necessidades básicas que cada criança precisa.

Acredita-se, então, que, além da maturação do sistema biológico, os métodos de ensino, as interações com outros sujeitos, a linguagem, as experiências culturais e pedagógicas vivenciadas nos diversos ambientes sociais e o apoio das famílias, são fundamentais para a aprendizagem no primeiro ano.

Dada a importância dessa fase, entender como os diferentes métodos de ensino podem contribuir para o trabalho pedagógico dos professores, o apoio da família bem como o respeito às etapas de desenvolvimento, são fatores que contribuem neste processo. Nessa direção, este estudo tem como objetivo analisar o processo de leitura e escrita no primeiro ano,

destacando o papel dos métodos de ensino, o envolvimento da família e o respeito às fases de desenvolvimento infantil. A problemática gira em torno do seguinte questionamento: Como os métodos de ensino contribuem para o sucesso da alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental?

Depois que as crianças estão socializadas o trabalho pedagógico vai se ampliando, introduzindo projetos interdisciplinares e diversas atividades, buscando o sucesso no processo de alfabetização com a utilização de métodos que possibilitem alcançar os objetivos de leitura e escrita.

A família é a principal parceira da escola; é aquela que motiva a criança a estudar, acompanha o processo de leitura e escrita e cuida dos materiais escolares, valorizando cada registro e atividade realizada em sala de aula.

A professora, ao ensinar as crianças a lerem e a escreverem, assume total responsabilidade em suas práticas, adotando métodos necessários para alcançar os objetivos de ensinar a ler e escrever.

## Referencial teórico

A psicologia do desenvolvimento é um ramo que estuda comportamentos cognitivos, emocionais e sociais que ocorrem ao longo da vida; tem como objetivo compreender como e por que as pessoas mudam e como o ambiente, a cultura, e a biologia interferem no desenvolvimento humano.

A investigação sobre a psicologia começou com os estudos de Piaget e Vygotsky, que defendem que os seres humanos passam por uma série de estágios/fases de desenvolvimento ao longo da vida, cada um marcado por características específicas.

A psicologia do desenvolvimento, diferente da psicologia evolutiva, busca explicar a evolução humana a partir do repertório biológico, o qual sofre transformações com o processo de maturação e com as respostas do meio social e ambiental onde se insere. Por isso, a psicologia do desenvolvimento parte do pressuposto de que o sujeito se constitui igualmente por meio das influências genéticas e ambientais (Freitas; Pinto; Ferronato, 2016, p. 107-108).

Papalia, Olds e Feldman (2006) “descrevem o desenvolvimento humano como um estudo científico da mudança e da continuidade durante todo o ciclo humano de vida” e ainda, à medida que se avançavam,

“os pesquisadores reconhecem que determinadas experiências, atreladas ao tempo e a lugares específicos, influenciavam o rumo da vida das pessoas.” (*apud* Freitas; Pinto; Ferronato, 2016, p. 107-108).

Sendo assim, observa-se que as práticas desenvolvidas em sala de aula são fundamentais para o processo de aquisição da leitura e da escrita, mas precisam levar em consideração tais fatores de desenvolvimento, bem como as questões culturais e sociais dos povos. Como suporte para a realização dessas práticas, busca-se auxílio nos diferentes métodos de ensino e no respeito às fases de desenvolvimento.

O professor alfabetizador assume uma postura de enfrentamento da realidade, assumindo a autoria de sua prática e tendo os pressupostos conceituais e metodológicos como elementos para realizar a transposição didática para seu contexto de atuação (Ferronato, 2014, p. 3).

O professor não ignora os desafios e limitações encontrados no contexto escolar; ele encara-os de forma ativa, buscando soluções práticas e criativas para promover o ensino. No processo de alfabetização assume a autoria da sua prática, que envolve a responsabilidade de criar e adaptar suas próprias estratégias pedagógicas de acordo com a realidade dos seus alunos e do ambiente escolar.

Com isso, entende-se que o professor não se apoia apenas em um método de ensino, mas explora vários que possam contribuir com seus objetivos em relação à leitura e à escrita. Tornando-se agente autônomo e reflexivo no processo educacional, o docente busca nos pressupostos conceituais e metodológicos conhecimentos que possam fundamentar sua prática.

Nesse contexto, quando a criança é inserida na escola tudo gira em torno da comunicação. A linguagem, como construção histórico-social, reflete a evolução do pensamento e das interações humanas ao longo do tempo; ela desempenha um papel essencial na socialização e na aprendizagem.

É por meio da linguagem que os indivíduos comunicam, compartilham e constroem coletivamente significados, que surgem de uma convenção de símbolos, em que palavras, gestos e outros sinais passam a representar conceitos, objetos e ações reconhecidas coletivamente. Ferronato (2014), então afirma: “Assim, a alfabetização e o letramento no contexto escolar devem significar para o educando a possibilidade de lidar com a linguagem como um recurso comunicativo, de interação e de

produção de discurso” (p. 4).

Por ser uma construção coletiva, a linguagem reforça a coesão social e reflete as mudanças históricas. O papel da linguagem vai além da simples comunicação; ela media o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, permitindo a criação e a manutenção de laços sociais e a transmissão de conhecimentos entre gerações. Para Colello (2010),

(...) Por vias dialéticas, o homem apela para escrita e o mundo da escrita apela para o homem, formando um vínculo de interconstituição entre o sujeito e a esfera sociocultural. Estar fora desse “jogo” é, em diferentes níveis, sofrer os processos de exclusão social, submetendo-se aos esquemas de discriminação e marginalidade (p. 108).

Mediante essa citação podemos entender que a criança, ao chegar na escola, seu primeiro ambiente social de convivência, já consegue comunicar-se, porque, de certa forma, já possui o domínio da língua, já é falante e compreende as solicitações, no entanto, para pertencer socialmente ao contexto científico intelectual, faz-se necessário apropriar-se dos códigos da leitura e escrita, e é para isso que existe a escola.

Segundo Colello (2010, p. 77-78),

O ensino da língua escrita abarca uma infinidade de saber, habilidades, procedimentos e atitudes que se constroem em longo prazo pela possibilidade entre conhecer letras e expressar sentimentos, decodificar sinais e interpretar o mundo, selecionar informações e articular as ideias, escrever palavras e se relacionar com o outro, conhecer as arbitrariedades do sistema e aprimorar esquemas de organização do pensamento, desenhar traçados convencionais e recriar as dimensões humanas de tempo e espaço, respeitar as normas e constituir-se como sujeito autor, adestrar os olhos e viajar por meio das leitura, dominar a mão e usufruir o direito à palavra, das mais pontuais e mecânicas às mais abstratas e existenciais; todas essas aquisições merecem ser discutidas não pelo mérito que tem em si, mas pelo que o seu conjunto pode representar ao sujeito e à sociedade (*apud* Ferronato, 2014).

A complexidade e a riqueza do ensino da leitura e da escrita, enfatiza que esse processo vai muito além da mera decodificação de palavras ou da memorização de regras gramaticais. A leitura e a escrita são extensões da vida humana; é um empreendimento complexo e vital que não somente desenvolve habilidades práticas, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos, capazes de pensar, sentir e se comunicar de maneira efetiva. Essa visão holística da alfabetização é fundamental para entender a

importância do ensino da escrita nas escolas.

## As fases de desenvolvimento dos 6-12 anos

O desenvolvimento infantil entre 6 e 12 anos é uma fase crucial marcada por avanços significativos em várias áreas, incluindo o cognitivo, o social e o emocional. Nesta fase a aquisição e o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e escrita ganham destaque. Caracterizada como terceira infância, é nessa fase que se inicia a escolaridade e a puberdade, que acarretam enormes mudanças no ciclo vital dos indivíduos.

Na escola a criança encontra um contexto complexo do qual participa a família e seus pares, e as vivências familiares são expostas fortemente influenciando diretamente o processo cognitivo de aprendizagem.

De acordo com Jean Piaget (1971), as crianças entre 6 e 12 anos estão na fase operatória concreta do desenvolvimento cognitivo. Nessa etapa elas tornam-se mais hábeis em manipular informações de forma lógica, embora seu raciocínio ainda seja limitado a objetos e situações concretas.

Essa fase é propícia para a alfabetização, pois as crianças começam a desenvolver habilidades para decodificar e compreender símbolos (como letras e palavras) e para relacionar o conteúdo da leitura com o seu conhecimento de mundo.

Lev Vygotsky (1984) também enfatiza a importância do ambiente social e cultural na aprendizagem. Segundo ele, a interação com adultos e colegas mais experientes ajuda a criança a desenvolver habilidades linguísticas por meio da zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A leitura e a escrita, nessa fase, são impulsionadas por atividades guiadas e interativas, como a leitura compartilhada e jogos de palavras, que estimulam a consciência fonológica – essencial para associar sons com letras e palavras.

Freitas, Pinto e Ferronato (2016) explicam:

O desenvolvimento físico e motor de 6 a 12 anos de idade não aponta para grandes mudanças como no período anterior; nessa fase a criança já desenvolveu a maior parte de suas habilidades motoras e vai refinando-as e aprimorando-as com o passar do tempo... Algumas mudanças internas são particularmente importantes nessa fase, como o desenvolvimento do cérebro e a maturação esquelética. Por volta dos 8 anos, o cérebro já atingiu cerca de 90 a 95% do peso de um cérebro adulto. A plasticidade neural é bastante acentuada, o

que possibilita um funcionamento geral eficiente, particularmente no lobo frontal do córtex, o qual está diretamente relacionado à produção do pensamento e consciência. Os ossos crescem rapidamente nesse período, acompanhando o crescimento corporal, o que pode causar dores incômodas principalmente à noite. Outra mudança física importante é a perda dos dentes de leite, ocorrendo por volta dos 6 aos 7 anos.

O desenvolvimento cognitivo aponta para mudanças significativas durante a terceira infância, que faz parte do período operacional concreto, de acordo com a teoria de Piaget. O raciocínio indutivo é o mais utilizado nessa fase do desenvolvimento. *Por meio do raciocínio indutivo a criança consegue generalizar uma informação, um princípio geral, a partir da sua própria experiência.* Os tipos de raciocínio indutivos mais utilizados nessa etapa descritos por Piaget são a reversibilidade, a inclusão de classe e a conservação (p. 117).

Com seus estudos Piaget identificou que, durante essa fase, a criança começa a utilizar o raciocínio indutivo para resolver problemas de forma lógica e coerente, embora ainda esteja limitada a situações concretas. *Isso significa que a criança consegue tirar conclusões e aplicar conhecimentos em situações semelhantes, mas ainda não pensa de forma completamente abstrata.* A Reversibilidade refere-se à capacidade de entender que ações podem ser feitas e desfeitas, como quando uma criança compreende que, ao somar e depois subtrair o mesmo valor, ela volta ao número original. Isso é crucial em operações matemáticas e no desenvolvimento do pensamento lógico. A inclusão de classe envolve o entendimento de que um grupo de objetos pode pertencer a uma classe maior e, ao mesmo tempo, a subclasses específicas. Por exemplo, uma criança pode entender que maçãs são frutas e frutas são alimentos. Esse raciocínio auxilia na organização de informações e na categorização do mundo ao seu redor. Por fim, a conservação é a compreensão de que certas propriedades, como quantidade ou volume, permanecem constantes mesmo que a aparência dos objetos mude.

Essas habilidades representam avanços na capacidade cognitiva da criança, permitindo que ela organize o mundo de maneira mais lógica e coerente. Por meio dessas operações concretas, ela aprende a aplicar conhecimentos de maneira sistemática e a pensar de modo mais complexo sobre o ambiente que a cerca.

Outro aspecto importante na terceira infância é o desenvolvimento afetivo-emocional, quando a criança constrói conceitos sobre si mesma e, por isso, o julgamento de colegas, pais e professores é muito importante neste período. Ela passa a compreender que ser aceita, incluída ou rejeitada

socialmente depende diretamente de como sua participação será realizada e dos comportamentos que apresentar; por este motivo, seu autoconceito sofre a influência das avaliações dos outros.

O sucesso nas atividades escolares, como a leitura e a escrita, fortalece a autoestima e encoraja a motivação para aprender. O apoio da escola e da família é, portanto, crucial para que a criança enfrente essa etapa com confiança e engajamento.

Sendo assim, entre os 6 e os 12 anos o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças fornece uma base sólida para a aprendizagem da leitura e da escrita. A compreensão das contribuições teóricas de Piaget e Vygotsky permite que educadores e pais ofereçam o apoio e os estímulos adequados.

## **Os métodos de ensino de leitura no 1º ano**

No 1º ano o brincar é substituído pelo trabalho e pelas tarefas escolares que exigem um controle rígido do tempo. Por isso comportamentos agressivos e retraídos podem surgir como resposta à adaptação. É comum, ainda, a comparação com colegas no esporte, nas brincadeiras e na realização das atividades.

É muito importante que professores e pais sejam empáticos e aceitem lidar com as situações sem julgamentos, apenas reforçando e encorajando a criança para enfrentar a situação e resolver os conflitos, incentivando a autonomia diante do vasto grupo de colegas que encontra no Ensino Fundamental.

Com o aprimoramento da linguagem as crianças substituem as agressões físicas por agressões verbais durante os conflitos, sendo necessário, por parte dos professores, trabalhar a cooperação, o sentimento de solidariedade e as interações sociais formais, pois é no convívio com os seus pares que a criança desenvolve o apoio social entre os amigos e aprende a relacionar-se e a construir padrões de autoavaliação, autoconceito, moralidade e comportamentos pró-sociais necessários para o convívio em sala de aula, como: ajudar, emprestar, consolar e prestar assistência física e verbal quando necessário para uma boa interação.

Professores que atuam com turmas do primeiro ano a principal preocupação é promover a aquisição da leitura e escrita, nesse sentido, o acolhimento das crianças, a organização do ambiente e o planejamento pedagógico com a atividade lúdica que proporciona o bem-estar e a

segurança que promovam a socialização e a valorização da identidade da criança são necessários.

O nome próprio torna-se a primeira ferramenta explorada pelo professor, o som e a imagem das letras do nome de cada criança, estimulam a oralidade e a visualização. Tudo o que é letrado é importante para ser inserido no planejamento.

Outro recurso importante no 1º ano é o caderno. Este material de uso pessoal individual torna-se um instrumento mágico no qual é organizada toda a rotina de atividades, colagens e registros escritos; um companheiro fundamental para a progressão da escrita. Primeiramente é sabido que as crianças apenas executam uma tarefa mecânica de “cópia”, imitando o que o professor escreveu no quadro; um exercício repetitivo de “olhar transcrever” para o papel. Com esse exercício, as crianças vão se apropriando dos códigos da leitura e da escrita, pois transcrever a informação do quadro para o caderno é algo bem complexo na primeira infância. O lápis, o caderno e a borracha são elementos novos, mas se tornarão perpétuos para cada estudante acompanhando-o ao longo do trajeto escolar.

Durante os registros escritos a professora alfabetizadora observa a motricidade fina e ampla das crianças, considerando se é necessária a realização de atividades que estimulem a psicomotricidade, uma vez que esse aspecto influencia na escrita legível e organizada.

Conforme Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 117-118),

O desenvolvimento físico e motor dos 6 aos 12 anos de idade não aponta para grandes mudanças como no período anterior. Nessa fase, as crianças já desenvolveram a maior parte de suas habilidades motoras e vai refinando-as e aprimorando-as (*apud* Ferronato, 2014).

Sendo assim, podemos compreender que, além de métodos necessários para a aprendizagem da leitura e da escrita no 1º ano, a criança já apresenta habilidades básicas que contribuem para o aprendizado. Nesta fase, entre 6 e 7 anos, ela está em um estágio de desenvolvimento em que as capacidades cognitivas, emocionais e motoras estão mais avançadas. Isso possibilita que ela lide melhor com rotinas e atividades organizadas. É capaz de seguir instruções, entender a importância de horários e manter uma organização pessoal básica, o que é essencial para o ambiente escolar.

A coordenação motora fina da criança está mais desenvolvida, facilitando atividades como escrever, desenhar e cortar papel, fundamental

para o desenvolvimento da escrita e para tarefas de alfabetização. Compreende a dinâmica de grupo, a importância das regras e o respeito pelos colegas. Consegue compreender operações matemáticas simples e conceitos lógicos, como sequências e classificações, que são necessárias tanto para a matemática quanto para a alfabetização. A habilidade de concentração e de memorização também melhora, permitindo que a criança retenha informações, recorde instruções e memorize palavras e símbolos, o que contribui diretamente para o processo de leitura e escrita.

Essas capacidades, somadas ao suporte de métodos adequados de ensino e ao ambiente escolar acolhedor, tornam o 1º ano do Ensino Fundamental um momento ideal para iniciar e consolidar o processo de alfabetização.

A família, neste contexto do processo de aquisição da leitura e da escrita, apresenta um papel importante, pois, como o caderno e o lápis tornam-se parte fundamental da vida do estudante que se insere no 1º ano, a família também tem o papel de se apropriar desses materiais pedagógicos, fazendo o monitoramento das atividades realizadas, revisitando os conceitos, realizando leituras juntamente com as crianças, elogiando o trabalho realizado, para que a criança compreenda e valorize o processo didático pedagógico. Colello (2010) assevera:

Ensinar a ler e escrever significa ensinar a especificidade do elemento simbólico da língua em seu contexto histórico assim como os usos e as práticas sociais em seu contexto de produção e de interpretação. Isso nos leva à tentativa de superar o didatismo artificial da escola (Colello 2010 p. 118) que, por muito tempo, aprisionou a língua escrita; precisamos entender que o ensino da língua escrita deve estar a serviço da inserção social, da participação democrática do sujeito na sociedade e do livre trânsito linguístico em face das múltiplas possibilidades de se comunicar, ler o mundo e interpretá-lo (p. 7).

Entende-se, então, que no período de alfabetização ensinar a ler e a escrever aparentemente seja mecânico, mas, no entanto, é uma prática construída gradualmente e significativa, com função social e democrática sendo direito de todos.

## **O método fônico de leitura**

O método fônico começou a ganhar popularidade no século 19 com os estudos de como o cérebro processa a linguagem e a escrita. Jean

Foucambert e Jeanne Chall foram os primeiros estudiosos do método fônico: de como o som da letra pode auxiliar na identificação da palavra. Mesmo sendo muito criticado por não enfatizar o contexto e a compreensão global do texto, o método fônico ganhou força, principalmente no início do processo de alfabetização, e encontra-se na sala de aula de muitos professores.

O método fônico de ensino é uma abordagem que se concentra nas relações do som da fala (fonemas), suas representações gráficas (grafemas) nos processos de aquisição de leitura e escrita. O método fônico auxilia as crianças a reconhecer e associar sons com a letra correspondente, facilitando a leitura por meio da decodificação.

Ao aprender a relacionar o fonema ao grafema, aos poucos os estudantes desenvolvem a capacidade de decodificação de forma autônoma. Em sala de aula o método fônico é aplicado em etapas, quando as crianças são expostas aos sons das letras em pequenas palavras. Vygotsky e Piaget apresentaram-nos em seus estudos sobre a importância da interação da linguagem dos signos e dos símbolos como recursos que auxiliam na aprendizagem, não se trata apenas de um exercício mecânico repetitivo, mas de uma atividade lúdica e leve que pode utilizar diversos recursos, como músicas, jogos, vídeos, painéis e literaturas infantis.

## **Método silábico**

O método silábico foca no ensino do som da sílaba (consoante + vogal) como a unidade básica da construção de palavras. Em vez de aprender letras isoladas (como no método fônico), as crianças começam a identificar unidades maiores, como as sílabas, que facilitam a construção de palavras. Esse método é valorizado por oferecer uma estrutura que ajuda as crianças a compreender a linguagem de maneira mais concreta e prática, conectando rapidamente os sons da fala com a estrutura da escrita.

O ensino pelo método silábico pode ser realizado por meio das seguintes etapas e atividades: começa com o que tem relevância para as crianças, como seu próprio nome ou palavras comuns em seu cotidiano; usa-se palavras curtas e com estrutura simples; as crianças são incentivadas a brincar com as sílabas, descobrindo novas palavras, promovendo a sensação de progresso à medida que aprendem a ler e escrever palavras novas.

Quando as crianças já dominam um conjunto básico de palavras começam a ler frases curtas e, eventualmente, textos simples. Isso fortalece

a compreensão da estrutura da linguagem e melhora a fluência na leitura. A escrita vai associando-se neste processo, ajudando a fixar as combinações aprendidas e promovendo o desenvolvimento da habilidade de escrever com autonomia.

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky são pesquisadoras que defendem esse método e são conhecidas por seu trabalho em psicogênese da língua escrita. Ferreiro e Teberosky (1985) contribuíram para o entendimento de como as crianças constroem seu conhecimento sobre a leitura e a escrita. Elas identificaram fases no desenvolvimento da escrita que mostram a progressão do aprendizado, da fase pré-silábica até a alfabetização completa, dando suporte teórico ao uso de sílabas como uma ponte para a leitura.

Como todos os métodos desenvolvidos, as vantagens e desvantagens existem. Cabe salientar, no entanto, que o método silábico promove acesso rápido à formação de palavras, por trabalhar com unidades maiores que as letras isoladas, facilita a formação de palavras de maneira mais ágil, promovendo a autoconfiança nas crianças, e oferece uma progressão clara, o que permite ao professor acompanhar o desenvolvimento dos alunos e corrigir dificuldades específicas. A estrutura silábica do método é adequada para o português, uma vez que a maioria das palavras apresenta combinações de sílabas simples.

Já houve discussões a respeito de o método silábico limitar a compreensão do contexto completo dos enunciados, pois enfatiza mais a construção de palavras do que a leitura fluente e contextualizada. É recomendado, assim, que o método silábico seja combinado com outras abordagens que enfatizam a compreensão de texto, pois é uma ferramenta útil no processo de alfabetização, especialmente nas primeiras etapas, em que a criança ainda está construindo suas habilidades iniciais de leitura e escrita.

## **Método global**

O método global de alfabetização é uma abordagem que ensina a leitura e a escrita de forma contextualizada e integrada, com base no reconhecimento visual de palavras e frases inteiras. A ideia central é enxergar uma palavra completa; a criança aprende a reconhecer o seu significado de forma mais natural, associando o visual da palavra a seu som e conceito.

Envolve ensinar a criança a ler palavras e frases inteiras desde o início, ao invés de focar em partes isoladas como letras ou sílabas. Inicia-se

apresentando palavras ou frases do dia a dia da criança que tenha significado para ela. Isso facilita a memorização visual e a compreensão do significado.

A utilização de histórias, músicas e rimas que a criança possa ler e repetir fazem parte do repertório. Plaquinhas com identificações básicas dentro da sala de aula auxiliam para que as palavras e frases sejam introduzidas em contextos familiares e repetidos, o que ajuda a fixar seu reconhecimento. É possível, ainda, o uso de imagens associadas a palavras ou textos.

O método global é influenciado por teorias que valorizam a compreensão e o contexto no aprendizado, tendo sido desenvolvido principalmente a partir das ideias de alguns pesquisadores. Destaca-se Ovide Decroly (2002), grande influenciador do método global, que desenvolveu o conceito de “centros de interesse” na educação, defendendo que o aprendizado deveria partir de temas de interesse da criança e do seu mundo. Ele argumentava que a alfabetização deveria ser contextualizada e partir do todo para as partes.

O método global apresenta algumas limitações quando se trata de crianças ingressando no mundo da leitura e da escrita. Ele pode ser menos eficaz para o ensino de habilidades específicas necessárias para a decodificação. A consciência fonológica faz-se necessária para, em seguida, desenvolver uma leitura mais fluente. É um método significativo para o ensino porque enfatiza o contexto e a compreensão da linguagem como um todo.

Sua combinação com outros métodos, no entanto, pode complementar o desenvolvimento de habilidades específicas necessárias no 1º ano do Ensino Fundamental, como a decodificação, tornando o processo de alfabetização mais completo e abrangente.

## Metodologia

Esta pesquisa, de natureza dissertativa e experimental, conforme Gil (2002), pretende identificar fatores que mostram como alguns métodos de alfabetização de leitura e escrita podem auxiliar os professores que atuam com crianças desta fase de ensino.

Este estudo dissertativo, que leva em consideração a prática da professora/autora, baseia sua metodologia nos três principais métodos de alfabetização no 1º ano – o **método fônico**, o **método silábico** e o **método global**. A professora estrutura seu trabalho durante todo o ano

letivo em etapas que integrem as abordagens, valorizando a diversidade de estratégias para atender às diferentes necessidades dos alunos, adaptando as práticas de leitura e escrita para que as crianças explorem a linguagem em contextos variados e reais.

Na fase inicial o método fônico pode ser empregado para ajudar as crianças a desenvolverem uma consciência fonológica, fundamental para a alfabetização. Nesta etapa a professora trabalha com o reconhecimento das letras dos nomes, focando na identidade e no protagonismo das crianças mediante o reconhecimento de fonemas (sons) e suas correspondências gráficas, usando atividades como a chamada com o nome das crianças, na forma de jogos com associação dos sons e letras, envolvendo o nome das outras crianças e, aos poucos, o trabalho com a letra inicial de outros seres, objetos e animais que fazem parte do dia a dia das crianças. Esse método é eficaz para fortalecer a base do sistema alfabético e facilitar a decodificação, principalmente para alunos que respondem bem a atividades auditivas e visuais.

O trabalho com sons e letras deve ser uma rotina em sala de aula do primeiro ano, como forma de exercício de reconhecimento dos fonemas e grafemas, todos os dias no mesmo horário, para que a criança desenvolva uma rotina. Na sequência do planejamento diário a professora pode inserir um gênero textual para ser explorado de forma lúdica (uma parlenda, uma música infantil, uma história literária) sempre instigando a linguagem e o jogo com as palavras.

No decorrer das aulas, quando a professora perceber que já existe um aprendizado significativo em relação à decodificação dos sons e letras, pode introduzir o método silábico para ampliar o vocabulário e o conhecimento dos alunos sobre a estrutura da escrita das palavras, trabalhando com as sílabas, ajudando as crianças a entender como os sons das vogais e consoantes juntam-se para formar sílabas e palavras.

Podem ser explorados jogos de montagem e decomposição de palavras simples, com duas sílabas móveis, para que os alunos possam formar diferentes palavras e entender a combinação de sílabas entre elas. Ainda, atividades de leitura de palavras familiares, que os alunos reconheçam em seu cotidiano, ajudando-os a identificar sílabas e treinar a segmentação.

O Método Global não se caracteriza como sendo o último a ser apresentado para as crianças, porque quando se trabalha com uma literatura infantil já estamos explorando o texto de forma global desde o início do trabalho letivo.

Ao apresentar uma história literária para a criança ela realiza, de certa forma, uma leitura global dos acontecimentos do texto, e o trabalho com contação de histórias já tem início no primeiro trimestre. Isso significa que a professora já está desenvolvendo uma prática global de leitura e pode acontecer durante todo o ano letivo. Cabe salientar ainda que cada turma é heterogênea, e cada criança apresenta uma forma de aprender, não quer dizer que a professora precisa utilizar o Método Global apenas no 3º trimestre.

A professora pode utilizar livros ilustrados e frases do cotidiano para que as crianças leiam e discutam em grupo, ajudando a criar uma ligação entre texto e contexto. Também, a produção de pequenas histórias, solicitando aos alunos que criem pequenas frases ou contos sobre suas experiências, usando linguagem, imagens e símbolos.

O Método Global é eficaz para desenvolver o sentido crítico e a interpretação, promovendo o letramento por meio da contextualização da linguagem.

A avaliação deste trabalho acontece sempre por meio da observação da participação das crianças, por intermédio da oralidade, do envolvimento com as atividades, a interação com a proposta de trabalho e, também, mediante os registros escritos.

Ao combinar os três métodos em um ciclo rotativo ou integrado, conforme as necessidades de cada aluno, a professora oferece recursos para uma alfabetização equilibrada, adaptada ao desenvolvimento das habilidades de cada criança. Além disso, essa abordagem metodológica atende ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças, incentivando o uso funcional da língua em atividades que façam sentido para elas. Esses três métodos, utilizados em conjunto, ajudam a construir um processo de leitura e escrita que é não apenas técnico, mas também significativo e prazeroso, o que promove uma aprendizagem sólida e abrangente.

## **Considerações finais**

Para finalizar, conclui-se a discussão sobre o uso dos métodos de alfabetização no primeiro ano do Ensino Fundamental. A compreensão da importância de atividades vinculadas às fases/etapas de desenvolvimento oferece bases importantes e complementares para o desenvolvimento da leitura e da escrita nas crianças. Cada método, com suas particularidades, contribui para fortalecer diferentes habilidades, desde a consciência

fonológica e a decodificação até a compreensão contextual e a construção de significado.

Ao combinar esses métodos os professores promovem uma alfabetização mais completa e significativa, adaptando o ensino às necessidades de cada aluno e promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e engajador. O uso integrado desses métodos permite que os estudantes explorem a língua de maneira ampla, construindo as competências técnicas e interpretativas necessárias para a leitura e a escrita, fortalecendo, ao mesmo tempo, a confiança e o interesse pelo aprendizado.

Para os professores, o domínio desses métodos representa um valioso recurso pedagógico, ampliando suas estratégias e possibilitando um ensino mais adaptado e eficaz. Ao refletir sobre a aplicação prática e os benefícios de cada abordagem, o professor pode selecionar e combinar metodologias que mais bem se alinhem ao perfil de sua turma.

Sendo assim, quando o professor adota uma postura de reflexão constante e escolhe os métodos de alfabetização com cuidado, o ensino de leitura e escrita vai muito além de aprender a juntar letras e formar palavras. Esses métodos tornam-se ferramentas que ajudam a criança a entender e a interagir com o mundo ao seu redor, preparando-a para participar, de maneira ativa e responsável, na sociedade.

Observa-se também a importância da participação da família durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A família desempenha um papel essencial no processo de alfabetização, sendo o primeiro contato da criança com a linguagem e a leitura. O ambiente familiar proporciona oportunidades naturais para o desenvolvimento da oralidade, da curiosidade pelo mundo escrito e do gosto pela leitura. Quando a família participa ativamente, oferecendo estímulos como contar histórias, ler livros juntos, conversar e apoiar as atividades escolares, cria-se um vínculo afetivo que fortalece a confiança da criança e o prazer em aprender. Além disso, o envolvimento familiar contribui para uma relação positiva com a escola, favorecendo o desenvolvimento integral da criança e ampliando as chances de sucesso no processo de alfabetização.

Assim, aprender a ler e escrever não é só uma habilidade técnica, mas uma oportunidade para que os estudantes compreendam o que significa viver em sociedade, se comunicar, trocar ideias e respeitar diferentes pontos de vista. Em outras palavras, o ensino da leitura e da escrita é, também, uma preparação para a cidadania, ajudando os estudantes a tornarem-se membros informados e envolvidos em sua comunidade.

## Referências

CHALL, J. S. **Learning to read: the great debate**. New York: McGraw-Hill, 1967.

CLAY, M. M. **Becoming Literate: The Construction of Inner Control**. Portsmouth, NH: Heinemann Educational Books, 1991.

COLELLO, S. M. G. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

DECROLY, O. **A educação e a escola da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRONATO, R. F. **Alfabetização e letramento**. Londrina: Unopar, 2014. 166 p.

FREITAS, F. R. L. de; PINTO, R. de O.; FERRONATO, R. F. **Psicologia da educação e da aprendizagem**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2016. 192 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.p. 98-99.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.